

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS- UNIFAL-MG

LUÍS OTÁVIO ANDRADE MARQUES

**PERCEPÇÕES ACERCA DOS CLUBES DE TROCAS E SEUS PRESSUPOSTOS:
UM ESTUDO SOBRE O CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL-MG**

VARGINHA-MG

2024

LUÍS OTÁVIO ANDRADE MARQUES

**PERCEPÇÕES ACERCA DOS CLUBES DE TROCAS E SEUS PRESSUPOSTOS:
UM ESTUDO SOBRE O CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL-MG**

Trabalho de conclusão de Piepex apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Guerra.

VARGINHA-MG

2024

Dedico o presente trabalho à minha mãe, Dulcelina (in memoriam), que me ensinou a contar nos dedos e a valorizar a justiça e a humildade acima de qualquer título. Ela sempre me disse que a educação me levaria longe. Sua força e memória estarão para sempre em meu coração.

RESUMO

Os Clubes de Trocas são importantes aliados no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e solidária, saindo dos princípios capitalistas tradicionalmente impostos pela sociedade. Dessa maneira, as trocas solidárias trazem uma forma de pensar o consumo de maneira consciente e sustentável em meio a contemporaneidade em que o consumo se mostra uma prática central dos princípios capitalistas. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a percepção acerca do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG e dos seus pressupostos, segundo seus participantes. Para isso, realizou-se uma pesquisa quali quanti utilizando um questionário nas três últimas edições do Clube de Trocas no ano de 2023. As informações quantitativas foram analisadas usando métodos estatísticos descritivos, enquanto as qualitativas foram analisadas por meio de análise de conteúdo. Os principais resultados mostraram o potencial que a atividade tem em promover uma reflexão sobre as práticas de consumo, proporcionando aos participantes experiências que vão além da simples troca de bens e sim uma experiência para além do Clube.

Palavras chaves: Economia Solidária, Clube de Trocas, Consumo Consciente.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 - INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 - PRIMÓRDIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA | 6 |
| 3 - CONCEITO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA | 9 |
| 4 - CLUBE DE TROCAS: SURGIMENTO E CONCEPÇÃO | 11 |
| 5 - O CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL-MG | 13 |
| 6 - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS: | 15 |
| 7 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 17 |
| 7.1 - CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES | 17 |
| 7.2 - ASPECTOS ORGANIZACIONAIS E PARTICIPATIVOS DO CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL - MG | 17 |
| 7.3 - PERCEPÇÕES ACERCA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, DO CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL-MG E DAS RELAÇÕES DE CONSUMO | 21 |
| 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| REFERÊNCIAS | 26 |

1 - INTRODUÇÃO

A economia solidária nasceu na França e teve seu avanço depois do capitalismo industrial, difundindo por meio dos princípios do cooperativismo como forma de emancipação do trabalho. Desse modo, por meio dessa nova economia muitos anti neoliberais acharam nos seus princípios uma forma de lutar contra a crise do capitalismo. Ao passar dos anos a economia solidária foi se desenvolvendo e chegou a vários países, como nos países latino-americanos. Ao decorrer dos anos muitas cooperativas de economia solidária foram se desenvolvendo, ocasionando na criação dos Clubes de Trocas que segundo Carneiro; Bez (2011) chegou ao Brasil em 1998, tendo como um dos primeiros no bairro de Santa Terezinha, em Santo Amaro, São Paulo. No entanto, os Clubes de Trocas tem como objetivo trazer hábitos de consumo consciente, por meio da emancipação.

Desse modo, em meio à contemporaneidade, em que o consumo se tornou uma atividade central e muitas vezes desenfreada, os Clubes de Trocas representam uma alternativa que incentiva a reflexão sobre o consumo sustentável e consciente. Eles proporcionam um espaço onde os indivíduos podem trocar bens e serviços de forma justa e colaborativa, fortalecendo os laços comunitários e promovendo a solidariedade.

É de suma importância estudos desse tema, pois possibilita a compreensão das dinâmicas que oferecem alternativas ao modelo capitalista tradicional, assim como suas consequências sociais, econômicas e ambientais. Diante disso, a economia solidária, especialmente através dos Clubes de Trocas, apresenta uma visão sobre a sustentabilidade e a justiça social. Essa prática desafia o consumismo excessivo, promovendo práticas mais humanas e solidárias. Além disso, ao examinar esses modelos, é possível identificar práticas que podem ser adotadas em outras comunidades, contribuindo assim para a criação de uma sociedade mais justa e de consumo consciente.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a percepção acerca do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG e dos seus pressupostos, segundo seus participantes. Diante disso, foi feito um levantamento de campo por meio de pesquisas de natureza quali quanti e objetivo exploratório. Os resultados foram obtidos através de um questionário aplicado aos participantes do Clube de Trocas das últimas 3 edições de 2023. Os dados quantitativos foram examinados utilizando

métodos estatísticos descritivos, enquanto os dados qualitativos foram interpretados através da análise de conteúdo.

No que diz respeito ao conteúdo deste texto, além desta introdução, é discutido o quadro teórico que aborda os primórdios da economia solidária; o conceito de economia solidária ; o surgimento e concepção dos Clubes de Trocas e o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG. Na próxima seção, serão detalhados os métodos utilizados neste estudo, seguido pela análise dos resultados. Por último, serão apresentadas as conclusões finais e as referências utilizadas.

2 - PRIMÓRDIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A economia solidária surgiu na França, como alternativa à crise salarial recorrente em 1990, sendo mecanismo de regulação da sociedade para melhoria da economia, com práticas sociais de redes de serviços nas residências e nos bairros para o aumento da qualidade de vida (MARCONSIN, 2010). Desse modo, segundo Singer (2002) a economia solidária teve grande avanço do seu nascimento depois do capitalismo industrial, uma vez que o grande empobrecimento dos artesãos foi decorrente da Primeira Revolução Industrial.

Em segundo plano, a economia solidária se tornou uma nova alternativa por meio do crescente excedente de mão de obra mundial, uma vez que o desemprego nas empresas capitalistas sofriam contenções. Por outro lado, existia uma crescente alta nos serviços informais, que eram sujeitos a precariedades. Entretanto, um segundo aspecto que ajudou no seu surgimento foi a busca de um novo modelo de gestão, saindo dos preceitos heterogestionários e dos princípios capitalistas, pois havia um grande fracasso nas políticas sociais. Decorrente a isso, militantes anti neoliberais acharam nos princípios da economia solidária uma alternativa política capaz de ir contra o regime capitalista, trazendo trabalho e renda aos grupos marginalizados socialmente (POCHMANN, 2004).

É de suma importância destacar que esses primórdios da economia solidária possuem relação direta com os pressupostos teóricos do cooperativismo e de socialistas utópicos, como Robert Owen, Saint-Simon, Louis Blanc, Fourier e Proudhon. Entretanto, existiam divergências políticas entre eles, pois uns defendiam a parceria da sociedade com o Estado (Blanc, Owen). Já outros a destituição dessa

parceria (Proudhon, Fourier) e ainda era defendido a emancipação por meio de uma nova ciência (Saint-Simon) (PAULA et al., 2014).

“No entanto, esses autores comungavam de pontos em comum: a proposta de os trabalhadores se reunirem em associações e cooperativas e romperem com a estrutura assalariada, tornando-se donos dos meios de produção, com direito de participarem dos processos de decisão das organizações“ (PAULA et al., 2014, p.3).

Ademais, no século XIX, o cooperativismo emergiu com uma visão autogestionária, onde não haveria distinção entre trabalho intelectual e manual. Todos os membros seriam co-proprietários dos meios de produção e as decisões seriam tomadas de forma coletiva. Esse conceito ganhou forma por volta de 1844, com o estabelecimento de diversas cooperativas e comunidades cooperadas, como os Pioneiros Equitativos de Rochdale, na Inglaterra. No entanto, esse modelo foi logo confrontado pela elite e pelo governo, resultando em ataques e oposição a partir de 1848. Isso forçou as cooperativas a abandonarem suas propostas políticas de desafio ao sistema capitalista, transformando-se em entidades focadas exclusivamente na produção e geração de renda (FRANÇA; LAVILLE, 2004). Mas mesmo já existindo esses princípios da economia solidária desde o século XIX, segundo Mattos (2018), a economia solidária só foi reconhecida em 1950, pois nessa época a caridade e a finalidade de voluntário estava em ascensão na sociedade, por meio do surgimento do “nonprofit sector”.

No entanto, as crises econômicas dos anos 1970, aliadas ao declínio das visões utópicas de cunho social, provocaram um ressurgimento das tentativas de promover a economia solidária, especialmente em nações latino-americanas como Argentina, Venezuela, Uruguai e Brasil. Desse modo, a economia solidária mantém sua presença até os dias atuais em muitos países europeus, incluindo Portugal, Inglaterra, Alemanha e Itália (PINHEIRO, 2010).

Contudo, pensando no surgimento da economia solidária no Brasil, dois grandes movimentos tiveram grande influência. De um lado o excedente de mão de obra e do outro os militantes críticos na busca de um novo modelo de desenvolvimento social e de trabalho no Brasil (GUERRA, 2014).

Desse modo, a Economia Solidária no Brasil ganhou destaque principalmente nas décadas de 1980 e 1990, período em que o país enfrentava o aumento significativo do desemprego, refletindo uma tendência global. Durante esse período, iniciativas como os PACs (Projetos Alternativos Comunitários) da Cáritas, as cooperativas estabelecidas nos assentamentos de reforma agrária pelo MST e as Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares desempenharam um papel fundamental na disseminação desse movimento. Além disso, muitas cooperativas surgiram a partir da ocupação de empresas em falência, permitindo que os trabalhadores mantivessem seus empregos. Organizações como a Anteag - Associação Nacional dos Trabalhadores em Autogestão - e a Unisol - União e Solidariedade das Cooperativas - também surgiram para promover e apoiar o movimento em todo o país, contribuindo para o seu crescimento e fortalecimento (SINGER, 2002).

Vale destacar que junto ao avanço da economia solidária no Brasil, diversas instituições e pesquisadores estudam a economia solidária, como Paul Singer, ex professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, e ex Secretário Nacional de Economia Solidária. (GUERRA, 2014).

Em suma, esses pesquisadores e militantes anti neoliberais, tinham como objetivo mostrar que os princípios da economia solidária, poderiam mudar a qualidade de vida de muitas pessoas e trazer uma nova alternativa ao capitalismo, trazendo mais dignidade e dando oportunidades de trabalho e renda aos grupos marginalizados socialmente. Ao decorrer dos capítulos, essa importância da economia solidária poderá ser observada.

3 - CONCEITO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Muito se discute qual é o conceito de economia solidária, com isso alguns autores em seus trabalhos trazem suas interpretações ao conceituar a economia solidária.

Desse modo, Lechat (2002) menciona que Razeto (1999) foi um dos pioneiros em delinear o que seria a Economia Solidária em seu trabalho intitulado "Economia de Solidariedade e Participação Popular"

“Concebemos a economia de solidariedade como uma formulação teórica de nível científico, elaborada a partir e para dar conta de conjuntos significativos de experiências econômicas – no campo da produção de comércio, financiamento de serviços etc. - que compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas. Trata-se de um modo de fazer economia que implica comportamentos sociais e pessoais novos, tanto no plano da organização da produção e das empresas, como nos sistemas de destinação de recursos e distribuição dos bens e serviços, e nos procedimentos e mecanismo de consumo e acumulação” (RAZETO, 1999, p.40).

Paula et al.,(2014) também destaca uma segunda conceituação que foi feita pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária sobre o conceito de Economia Social.

“Por economia solidária se compreende um projeto emancipatório que não se restringe a mitigar os problemas sociais gerados pela globalização neoliberal, mas trata-se de um projeto de desenvolvimento integral que visa a sustentabilidade, a justiça econômica, social, cultural e ambiental e a democracia participativa. Ela se fundamenta na cultura da cooperação da solidariedade e da partilha, rejeitando as práticas da competição, da exploração e da lucratividade capitalista” (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, s/d).

Segundo Pinheiro (2010) os diferentes conceitos de economia solidária compartilham alguns elementos essenciais. Eles se caracterizam como projetos fundamentados em valores de solidariedade, organizados de forma autogestionária através de cooperativas e associações, e buscam a geração de renda para os envolvidos. No entanto, as divergências conceituais surgem quando se discute se a economia solidária é ou não um projeto emancipatório e como esses processos podem ser efetivamente implementados e operacionalizados na prática.

Uma outra organização em termos de conceitos de economia solidária foi proposta por Guerra (2014), ela propõe três perspectivas para entender a economia solidária: alternativa de organização do trabalho para os setores populares; alternativa de vida; e alternativa ao modo de produção capitalista. Este estudo destaca particularmente a visão da economia solidária como uma alternativa ao capitalismo e suas origens no século XIX, influenciada pelos socialistas utópicos e surgida da resistência dos trabalhadores contra o capitalismo industrial.

Paula et al.,(2014) também coloca que há dois grupos com visões divergentes sobre o papel político da Economia Solidária. Um desses grupos, representado por autores como Coraggio (2000), Gaiger (2000) e Razeto (1999), enxerga a Economia Solidária como um projeto voltado principalmente para a

geração de renda e emprego para trabalhadores excluídos. Eles argumentam que, no máximo, essa abordagem pode promover uma mudança limitada na cultura individualista em direção a uma cultura mais solidária. Esse grupo sugere que a luta dentro do sistema capitalista dificulta a realização de uma transformação política mais ampla, impedindo que a Economia Solidária alcance um nível de ruptura significativo com o capitalismo.

Mas em contraposição, Singer (2002) conceitua a economia solidária como um espaço dentro do sistema capitalista, visto como um projeto político destinado a superar o próprio capitalismo. Ele sugere que a economia solidária pode funcionar como uma alternativa inserida no contexto capitalista, criando empreendimentos solidários e alterando as lógicas de consumo para minar a economia dominante. Para Singer, isso pode ser realizado através da combinação de competição e cooperação no mercado, com apoio de um Estado de bem-estar social. Por sua vez, França e Laville (2004), França (2008), Mance (1999) e Arruda (2000) compartilham dessa visão, enfatizando a importância das redes solidárias na formação de cadeias de produtores e consumidores para concretizar esse projeto político.

Além disso, autores como França e Laville (2004), França (2008), Mance (1999) e Arroyo e Shuch (2006) argumentam que a Economia Solidária não apenas representa um projeto político que vai além das estruturas capitalistas, mas também pode ser organizada por meio de redes solidárias. Eles afirmam que essa forma de economia emerge a partir de empreendimentos que operam de maneira associativa, como cooperativas, associações, fóruns, grupos ou redes. Além disso, destacam que, a partir desses empreendimentos solidários articulados em redes, surgem práticas como clubes de troca, atacadões solidários, sistemas de moeda social e outras intervenções econômicas solidárias.

Em suma, ao longo deste capítulo, exploramos diversas perspectivas sobre o conceito e o papel da Economia Solidária. Desde os trabalhos pioneiros de Razeto até as análises contemporâneas de autores como Singer, França, Laville, e outros, com isso, fica evidente que a Economia Solidária não é apenas um fenômeno econômico, mas também um projeto político e social. Desse modo, apesar das divergências, há um consenso sobre os elementos essenciais da Economia Solidária: valores de solidariedade, organização autogestionária e busca pela geração de renda para todos os envolvidos.

No próximo capítulo iremos falar sobre os clubes de trocas e sua função social, que carrega os princípios da economia solidária e a emancipação do consumo capitalista.

4 - CLUBE DE TROCAS: SURGIMENTO E CONCEPÇÃO

Desde tempos remotos, as trocas diretas entre pessoas foram fundamentais para a sobrevivência, especialmente antes da introdução do dinheiro. O escambo, ainda presente em algumas áreas rurais, exemplifica essa prática ancestral de compartilhamento de recursos para garantir a subsistência coletiva. No entanto, a chegada de tecnologias modernas, como o freezer, promoveu uma mentalidade de acumulação individualista, muitas vezes impulsionada pelo medo da escassez (CARNEIRO; BEZ, 2011). Nesse contexto, o sistema capitalista frequentemente explora e amplifica esses medos, incentivando o consumo excessivo como meio de garantir segurança e bem-estar pessoais. Essa mentalidade de acumulação em detrimento da solidariedade e cooperação desafia os valores tradicionais de partilha e reciprocidade (CARNEIRO; BEZ, 2011).

Entretanto, algumas práticas ainda buscam romper com essa lógica de consumo predatória, pautando-se em valores ligados à solidariedade e à cooperação. Essas práticas, não necessariamente se utilizam de moedas “oficiais” dos países, e são denominadas de Clubes de Trocas. Desse modo, os primeiros clubes de trocas tiveram início no Canadá e na Argentina como mostra Rosa; Cezar (2021) em seu trabalho:

“Em 1980, em Vancouver, no Canadá, ressurgiu uma estrutura denominada LETS (Local Employment and Trade Systems - Sistemas de Emprego e Comércio Local), para a troca de mercadorias com o uso da moeda social (HUGON, 1995). Na década seguinte, em Bernal, Província de Buenos Aires, na Argentina, essas iniciativas surgiram nomeadas como clubes de trocas. Diferente da bolsa de Owen, nos LETS e nos clubes de trocas, as trocas não necessariamente são produzidas por cooperativas, geralmente são de participantes autônomos, como pequenos produtores e prestadores de serviços (SINGER, 2004).” (ROSA; CÉSAR, 2021,p. 68).

No Brasil, de acordo com Carneiro e Bez (2011), em 1998, surgiu um dos seus primeiros clubes de troca no Brasil, localizado no bairro de Santa Terezinha, em Santo Amaro, São Paulo. Inicialmente, o clube operava com base na ideia francesa de trocas de conhecimento, mas mais tarde adaptou-se ao modelo

argentino, que envolvia trocas de bens e serviços. Logo depois, a prática também começou a se difundir no Rio de Janeiro e Porto Alegre, dentre outras cidades (CARNEIRO; BEZ, 2011).

Diante disso, segundo Laporte et al. (2012), os clubes de trocas são empreendimentos de economia solidária nos quais pessoas e grupos produtivos se reúnem para trocar produtos, serviços ou saberes entre si.

Esses clubes de trocas desempenham um papel vital ao permitir que tanto bens tangíveis quanto intangíveis circulem livremente, evitando que fiquem estagnados e acumulando poeira. Essa prática de troca promove a partilha, constituindo um desafio direto ao egoísmo, ao individualismo e ao medo. Nos clubes de trocas, os participantes compartilham não apenas bens materiais, como alimentos e roupas, mas também bens intangíveis, como amizade, sabedoria e experiência. Quando esses recursos não são disponibilizados, correm o risco de se tornarem obsoletos e escondidos, resultando em consequências negativas para nossa saúde emocional e bem-estar geral. Isso ocorre porque o medo muitas vezes atua como um obstáculo ao amor e à generosidade (CARNEIRO; BEZ, 2011).

Contudo, os Clubes de trocas ocorrem em encontros regulares, onde cada participante apresenta e descreve suas ofertas de troca aos outros. Através da economia solidária, esses clubes não apenas proporcionam benefícios econômicos, mas também fomentam a criação de laços sociais, novas amizades, novos contatos, além de possibilitar a troca de afetos, conhecimentos, favores e gentilezas (SINGER, 2002).

Os clubes de troca não apenas facilitam a troca de bens e promovem um consumo consciente, mas também servem como locais para atividades culturais, permitindo uma integração cultural. Essa ideia está alinhada com os princípios da Extensão Universitária, que combina ensino, pesquisa e interação com a sociedade de maneira transformadora (Silva, 2000 apud Toledo, 2024).

Outro ponto importante a ser destacado, é que, no contexto da economia solidária, os clubes de trocas também conferem novos significados ao ato de consumir. Isso ocorre tanto porque a "inflação simbólica" ainda não afetou os bens nos circuitos de trocas solidárias, quanto porque os consumidores não desconsideram os produtores, evitando assim uma relação tradicionalmente desigual. Os mercados solidários, portanto, oferecem todos os elementos necessários para uma experiência de consumo mais emancipadora (SANTOS,

2015). Percebe-se, que os clubes de trocas trazem um novo olhar para o consumo, saindo da lógica do capitalismo que permeia a sociedade, buscando assim, uma emancipação do consumo capitalista para um consumo solidário.

Desse modo, graças a esses movimentos históricos, hoje, existem muitas iniciativas de clubes de trocas espalhados pelo Brasil, promovendo os princípios da economia solidária. Entre essas experiências se encontra o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL - MG, que será explicitado a seguir.

5 - O CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL-MG

Em seu resumo científico Marques et al., (2023) menciona o surgimento do Clube de trocas da ITCP/UNIFAL-MG:

“O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, teve início em 2011, e por meio da economia solidária permite a interação social, a formação de relações solidárias de trocas e a exploração de expressões artísticas e culturais (UNIFAL-MG, 2021). Seu objetivo é ressignificar as relações de consumo, com mais igualdade entre as pessoas em meio às trocas (ROSA, CÉSAR, 2021).”

Desse modo, segundo Rosa; César (2021) o clube de trocas da ITCP/UNIFAL-MG é baseado nos princípios da economia solidária, e esse movimento considera o consumo solidário como uma resposta ao sistema capitalista, que muitas vezes promove um estilo de vida antissocial. Em oposição à cultura do consumismo e sua tendência à fetichização de produtos, o consumo solidário busca promover o bem-estar coletivo, a interação não monetária, a construção de vínculos sociais e a ampliação das experiências culturais. É um espaço que reflete e promove as diversas práticas estabelecidas pelos clubes de trocas, enfatizando a importância da solidariedade e da colaboração em vez da competição e do individualismo.

Ainda nesse viés, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG é um projeto de extensão, que se encontra dentro do Programa da ITCP/UNIFAL-MG, que segundo Guerra (2024) busca a geração de trabalho, renda e transformação social por meio da Economia Solidária. Assim, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL - MG, visa:

“Contribuir para a formação da comunidade acadêmica e da comunidade externa, no exercício da cidadania, ao continuar a propor outra perspectiva

de desenvolvimento, que não as historicamente impostas pelo capitalismo, e ao continuar a estabelecer outros conceitos de consumo, e de consciência das relações de troca, que não são pautadas pela obtenção do lucro, exploração do próximo (espoliação da mais valia) e concorrência desenfreada.” (TOLEDO, 2024, p. 3)

Decorrente disso, podemos dizer que o projeto mencionado, traz a vivência de uma outra forma de consumo, mesmo que ainda dentro do sistema capitalista. Mas podendo fazer os participantes refletirem sobre seus consumos e notar que existem outras formas de consumir.

A fim de popularizar essa abordagem , a ITCP/UNIFAL-MG realiza clubes de trocas mensais no Campus da Unifal-Varginha. Com isso, o evento engloba uma variedade de atividades artísticas e culturais, apresentações do projeto e debates sobre economia solidária, além de proporcionar um espaço para um café comunitário (UNIFAL-MG, 2021). Observe-se, que além de um novo olhar de consumo, o clube de trocas da ITCP/UNIFAL-MG, também movimenta outras atividades, trazendo a criação de novos afetos, favores, gentilezas e conhecimentos, como apontado por Singer (2002), referente às trocas solidárias.

Neste contexto, de importância das ações do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, e como disseminador dos seus princípios e dos da Economia Solidária, é que este trabalho se apresenta, tendo seus pressupostos metodológicos apresentados a seguir.

6 - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS:

A pesquisa realizada neste trabalho se classifica em duas naturezas: quantitativa e qualitativa. Sendo a quantitativa de natureza empírico-analítica, fundamentada objetivamente por respostas numéricas pelos pesquisados (HAIR et al.,2005). Já segundo Silveira (2009), a pesquisa de natureza qualitativa, não se preocupa com a fundamentação numérica e sim em compreender uma organização, grupo social, etc. Ademais, a pesquisa é classificada como levantamento de campo, pois se caracteriza em coleta de opiniões de um grupo em específico, com o objetivo de entender suas percepções (CRESWELL, 2013).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário, composto por 23 questões, onde as 5 primeiras perguntas eram de cunho pessoal de cada participante, e posteriormente contou com com 18 perguntas (Q6 a Q23) de temas

voltados para a análise do funcionamento do clube de trocas. Como mostra o quadro 1.

Quadro 1: Questionário aplicado ao participantes do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG

| <i>Questões</i> | <i>Abordagem temática</i> | <i>Formato</i> | <i>Variável</i> | <i>Classificação</i> |
|-----------------|---|----------------|-----------------|----------------------|
| Q1 | Gênero | Fechada | Qualitativa | Nominal |
| Q2 | | Aberta | Quantitativa | Discreta |
| Q3 | Número de matrícula, caso não seja matriculados na UNIFAL-MG, coloque o número 0 | Aberta | Quantitativa | Nominal |
| Q4 | Ocupação | Aberta | Qualitativa | Nominal |
| Q5 | Possui vínculo com a UNIFAL-MG? Se sim, qual? | Aberta | Qualitativa | Nominal |
| Q6 | A Economia Solidária é uma proposta importante. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q7 | Uma economia pautada pela solidariedade é inviável. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q8 | Creio que os estudantes da UNIFAL-MG participam pouco do clube de trocas porque não veem sentido nessa atividade | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q9 | O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG é uma ação importante para repensar os hábitos de consumo | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q10 | Procuro sempre ganhar vantagem no clube de trocas | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q11 | Procuro realizar as trocas ficando com aquilo que, na lógica do mercado, tem maior preço de venda. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q12 | Eu pretendo participar da próxima edição do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q13 | O consumismo tem graves impactos socioeconômicos. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q14 | A solidariedade é um bom mediador de trocas. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q15 | Eu consumo produtos além da minha necessidade. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q16 | As experimentações de consumo no Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG impactam meus hábitos de consumo para além do clube. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q17 | Eu me preocupo mais com meu benefício pessoal do que com o coletivo durante as trocas. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q18 | O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG tem a proposta de propor mudanças no modo de se consumir. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q19 | Eu entendo o significado de consumo solidário. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q20 | O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG é um espaço acolhedor. | Fechada | Qualitativa | Ordinal |
| Q21 | Você tem alguma sugestão para melhorar as atividades do clube de trocas? | Aberta | Qualitativa | Nominal |
| Q22 | Você já conhecia a economia solidária ? | Aberta | Qualitativa | Nominal |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Esse questionário foi aplicado nas últimas 3 edições do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, no ano de 2023. Devido à pandemia, a reestruturação do clube ocorreu apenas em 2023. Para obter uma noção do impacto pós-pandêmico, optou-se por utilizar apenas dados dessas edições, onde obteve 18 respostas com uma amostra de 26 participantes. O formulário foi encaminhado via e-mail para cada participante. Para análise dos dados quantitativos foi utilizada a estatística descritiva e para os qualitativos utilizou-se da análise de conteúdo, que Bardin (2011) refere-se sendo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Desse modo, de forma a auxiliar no estudo, foram criadas 3 categorias de análise, sendo elas: Caracterização dos Respondentes; aspectos organizacionais e participativos do clube de trocas da ITCP/UNIFAL-MG; e percepções acerca da economia solidária, do clube de trocas da ITCP/UNIFAL-MG e das relações de consumo.

7 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1 - CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Os dados primários possibilitaram traçar um panorama do público que frequentou as edições investigadas do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL - MG. Desse modo, pode-se perceber que o público é bem dividido entre feminino e masculino, mas o público feminino tem maior participação com 55,6% e o masculino 44,4%. Sobre a faixa etária, a sua maioria, com 61,3% , se localiza entre 19 a 25 anos, tendo um público com uma média de idade de 27 anos anos. No que se refere

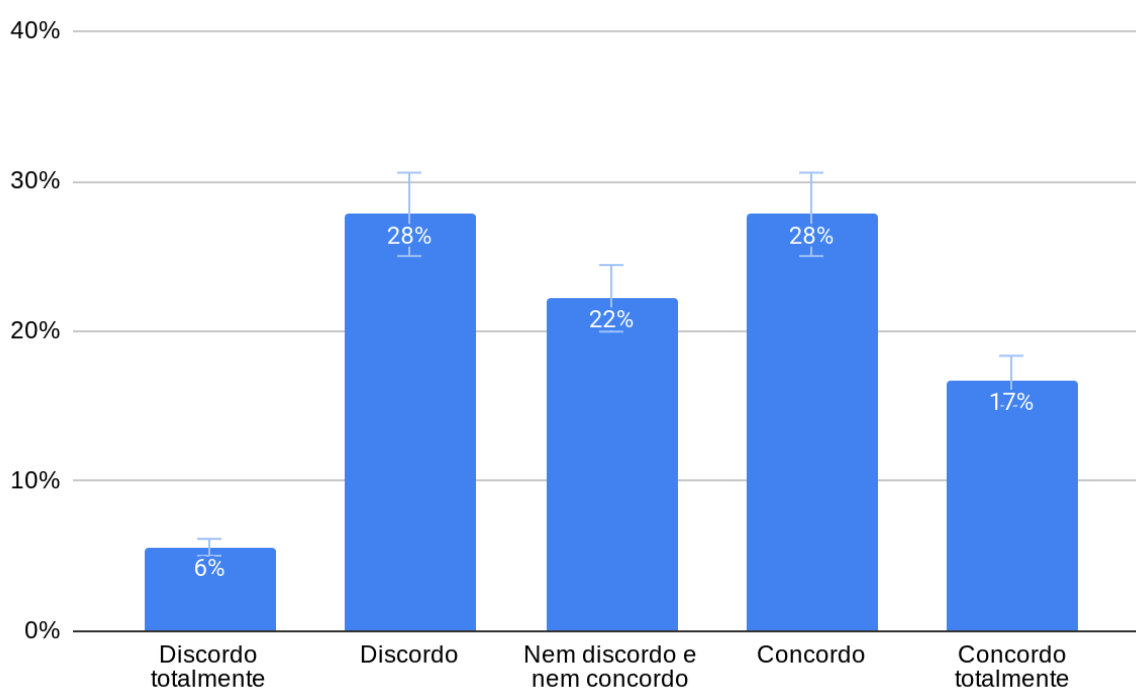
à ocupação, 72,4% dos participantes são estudantes de graduação, 27,6% são professores e 5,6% mestrandos, todos com vínculo com a UNIFAL-MG.

Assim, percebe-se que o Projeto de Extensão Clube de Trocas é frequentado pela população acadêmica da própria Universidade, e que além disso, 100% do público entrevistado “concorda” ou “concorda totalmente” que o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG é um espaço acolhedor, fruto das trocas solidárias, condizente com os pressupostos de Singer (2002) que define os Clubes de Trocas como um espaço de geração de gentilezas, favores e conhecimentos.

7.2 - ASPECTOS ORGANIZACIONAIS E PARTICIPATIVOS DO CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL - MG

Além disso, foi perguntado aos entrevistados sobre suas percepções diretas sobre o funcionamento do clube. Quando perguntado sobre os estudantes da UNIFAL-MG participarem pouco do clube de trocas porque não veem sentido nessa atividade, obteve o seguinte resultado, como pode ser observado abaixo, no Gráfico 1:

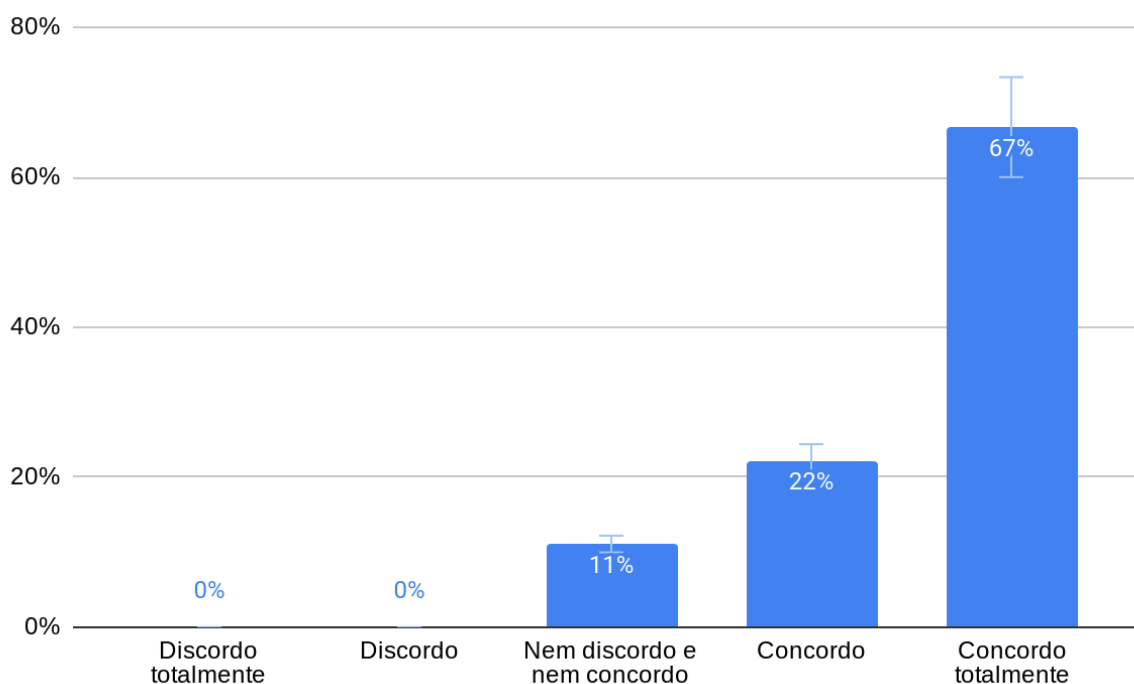
Gráfico 1: Creio que os estudantes da UNIFAL-MG participam pouco do clube de trocas porque não veem sentido nessa atividade



Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebe-se que 45% respondeu que “concorda totalmente” ou “concorda” com a afirmação, entretanto, 34% “discorda” ou “discorda totalmente”. Analisando esse resultado, pode-se dizer que o Clube de Trocas, por ser algo que sai da lógica capitalista, ainda traz uma rigidez na sua adesão. Mas a pesquisa também questionou se os participantes desejavam participar da próxima edição do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG e o resultado pode ser observado no gráfico 2:

Gráfico 2: Eu pretendo participar da próxima edição do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa forma, os resultados mostram que 89% dos participantes das últimas 3 edições mostraram interesse em continuar participando dos próximos Clubes de Trocas. Além disso, também foi perguntado aos pesquisados sugestões para melhoria de atividade e estrutura. Entre as sugestões apresentadas destacam-se:

“[...] divulgação maior e com mais tempo, acrescentar uma palestra maior sobre o tema no auditório.”

“[...] Horários mais flexíveis.”

“[...] Estimular mais os debates sobre o conceito, aplicabilidade da economia solidária. “

“[...] Voltar com o café solidário.”

“[...] Atualmente vejo o clube de trocas como bastante organizado.”

(Depoimentos dos entrevistados)

Isso indica que, embora o evento seja bem recebido, há espaço para melhorias. Diante disso a necessidade de divulgação maior, abrangência de horários, inclusão de palestras sobre o tema e a volta do café solidário apontam para um desejo de maior compreensão, engajamento com os princípios da economia solidária e espaço de convivência.

Adiante, perguntou-se aos participantes sobre suas motivações para participarem do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, as respostas mostraram que os convites pessoais de amigos e colegas são um forte motivador para a participação. Entretanto, o interesse pela proposta também é evidente:

“[...] ter sido convidado por colegas que atuavam na ITCP/UNIFAL-MG.”

“[...] o convite dos membros.”

“[...] Uma atividade diferente. Um exemplo de que o que se é imposto pela sociedade pode ser mudado.”

“[...] Por já estar familiarizada com o conceito de economia solidária e reconheço sua importância para promover uma sociedade mais justa e equitativa.”

“[...] Melhorar meu entendimento sobre economia solidária, e repensar meus hábitos de consumo.

(depoimentos dos participantes)

Relatos como esses mostram a importância das conexões individuais na atração de novos membros e o interesse pela dinâmica proposta pelo Clube de Trocas e pela incubadora de trazerem uma nova forma de economia e consumo. Isso vai de encontro às afirmações de Santos (2015) que ressaltou em seu trabalho, que o Clube de Trocas ajuda na promoção de um pensamento emancipatório de consumo evitando uma relação tradicionalmente desigual.

7.3 - PERCEPÇÕES ACERCA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, DO CLUBE DE TROCAS DA ITCP/UNIFAL-MG E DAS RELAÇÕES DE CONSUMO

Nesta categoria, quando perguntado aos entrevistados se eles já conheciam a economia solidária, a maioria dos participantes já tinha conhecimento prévio sobre economia solidária. Como pode ser observado por esses relatos:

“[...] conheci a Economia Solidária quando atuei como bolsista na ITCP/UNIFAL-MG no ano de 2022 através de estudos e atuações em torno do tema.”

“[...] Sim, conheci a economia solidária no meu primeiro semestre na UNIFAL.”

(depoimentos dos participantes)

Dessa maneira, mostra que em grande maioria o clube atrai indivíduos que já possuem um interesse ou envolvimento com práticas econômicas alternativas ao capitalismo.

Mas vale ressaltar que algumas respostas indicaram que os participantes foram introduzidos ao conceito de economia solidária através do clube de trocas ou da ITCP/UNIFAL-MG, como pode ser observado:

“[...] conheci participando do clube de trocas”

“[...] não, passei a conhecer a partir da incubadora. “

(depoimentos dos participantes)

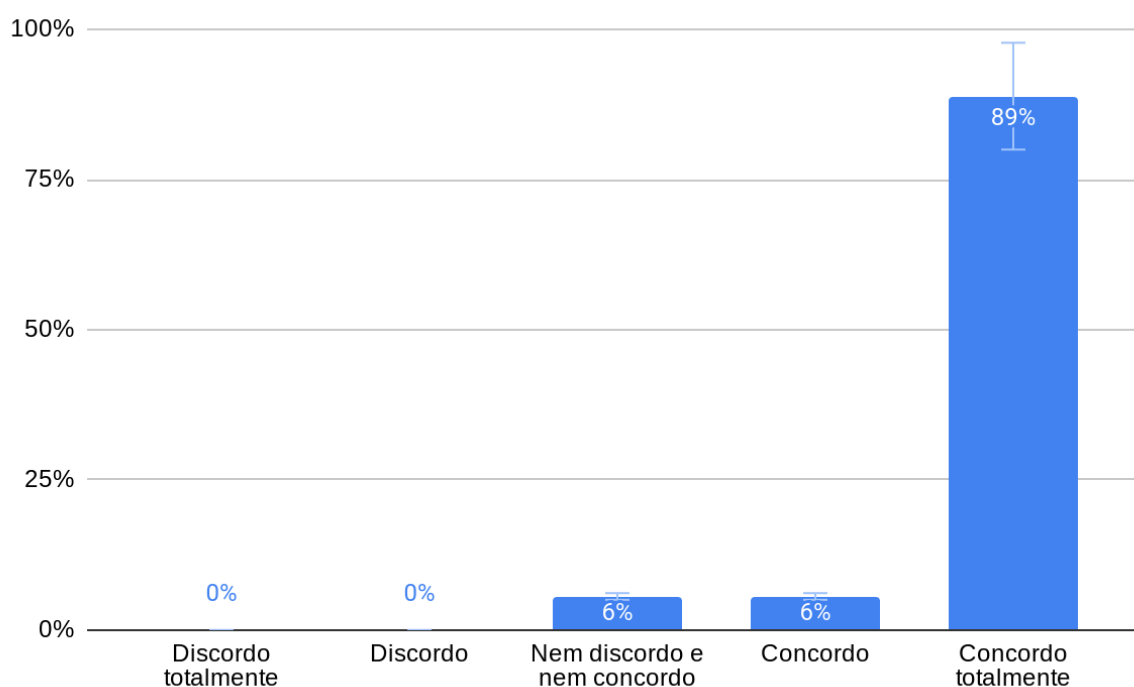
Esses relatos mostram o papel educativo do clube e da incubadora em disseminar conhecimento sobre economia solidária. Com isso, podemos dizer que o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG está sendo eficaz na promoção de mostrar a existência de uma nova economia. No entanto, também indica a necessidade de esforços contínuos para atrair pessoas que ainda não conhecem esses conceitos, ampliando o alcance do clube.

Além disso, perguntou-se aos pesquisados se a economia solidária é uma proposta importante, obtendo um resultado positivo de 100% dos entrevistados respondendo que “concorda totalmente” ou “concorda” com a afirmação. Desta forma, segundo Laporte et al., (2012) o Clube de Trocas é um empreendimento de economia solidária, então, é importante que os participantes vejam sentido em sua proposta.

Também foi perguntado aos participantes se uma economia pautada pela solidariedade é inviável. A essa questão, 88,9 % “discorda totalmente” ou “discorda” com a afirmação. Esses resultados corroboram com a afirmação de Singer (2002) de que a economia solidária é uma proposta viável dentro do capitalismo, tornando uma alternativa para a ruptura ou forma de minar a economia do capital.

No que se refere aos hábitos de consumo, quando apontado aos entrevistados se o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG é uma ação importante para repensar os hábitos de consumo, a grande maioria dos respondentes (89%) concordam totalmente com essa afirmação, como pode ser observado no gráfico 3.

Gráfico 3: O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG é uma ação importante para repensar os hábitos de consumo.

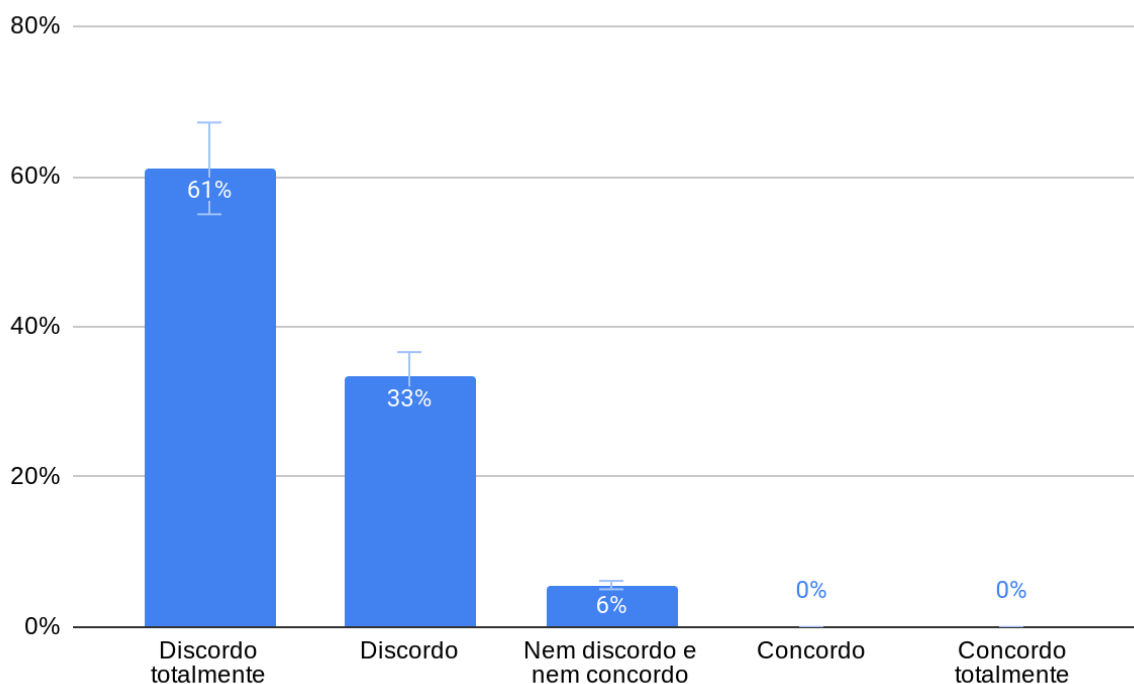


Fonte: elaborado pelo autor.

Ademais, foi perguntado se o consumismo tem graves impactos socioeconômicos, onde 72,2% “concorda totalmente” com a afirmação. Assim, nossa pesquisa solidifica os aspectos apontados por Santos (2015), que trazem o Clube de Trocas como uma experiência de consumo emancipadora e que atribui novos significados ao ato de consumir.

Outra questão apresentada foi acerca do comportamento dos participantes do Clube no momento das trocas. Assim, foi perguntado aos mesmos se eles procuravam realizar as trocas ficando com aquilo que, na lógica do mercado, tem maior preço de venda. As respostas podem ser observadas abaixo, no Gráfico 4:

Gráfico 4: Procuo realizar as trocas ficando com aquilo que, na lógica do mercado, tem maior preço de venda.



Fonte: elaborado pelo autor.

Portanto, com um resultado de 94% dos participantes respondendo que “discordo totalmente” ou “discordo” com a afirmação, comprovam o que Carneiro e Bez (2011) destacou, mostrando o clube de trocas como um ambiente de desafio direto ao egoísmo, ao individualismo e ao medo, pois é partilhado diferentes produtos, e bens intangíveis e na sua maioria com valores de mercado divergentes e outros sem a existência de valor monetário.

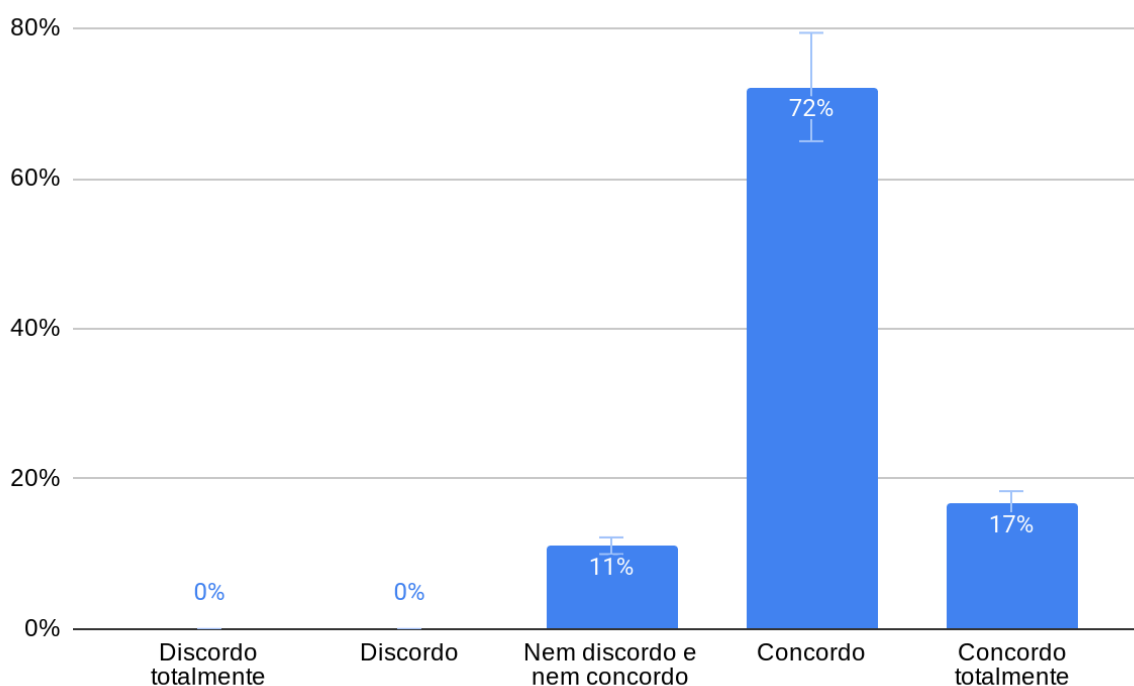
Ainda, comprovando mais essa teoria, quando perguntado aos pesquisados se eles tentam ganhar vantagens competitivas na hora de realizar a atividade, em grande maioria (77,8%) “discorda totalmente” ou “discorda” com a afirmação.

Além disso, foi perguntado aos participantes se eles costumam consumir além do que precisam e as respostas demonstraram que a maioria concorda com essa afirmativa, isto é, 44,4% concordam e 22,2% concordam totalmente, seguido de 27,8% dos respondentes, que nem concordam, nem discordam e 5,6% discordam. Esses resultados demonstram que, em grande maioria, os participantes costumam consumir além do que necessitam. Pode-se relacionar esse resultado sendo fruto da sociedade capitalista de consumo em que está inserida.

Entretanto, ao questionar os participantes se eles acham que as experimentações de consumo no Clube de Trocas impactam seus hábitos de

consumo para além do clube, pode-se dizer, na percepção dos respondentes, que o Clube de Trocas da ITCP/Unifal-MG ajuda na promoção de um pensamento mais emancipatório de consumo, como pode ser observadas abaixo, no Gráfico 5:

Gráfico 5: As experimentações de consumo no Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG impactam meus hábitos de consumo para além do clube.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante disso, 89% dos participantes acham que as experimentações de consumo no Clube de Trocas impactam seus hábitos de consumo para além do clube, e 94.5% dos participantes afirmam compreender o que é um consumo solidário. Decorrente disso, o projeto de extensão consegue ser efetivo, visando o que é proposto em seu projeto, conforme apresentado por Toledo (2024) que os Clubes de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG sugerem uma abordagem alternativa de desenvolvimento, distinta das que foram historicamente impostas pelo capitalismo, ao introduzir novos conceitos de consumo.

Os resultados nesta categoria revelam uma transformação significativa na percepção de consumo dos pesquisados. Dessa forma, a experiência no Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG permitiu uma mudança de mentalidade, onde os objetos são valorizados pelo potencial de reutilização.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Economia Solidária desde seu surgimento trouxe outras alternativas para a emancipação do capitalismo, como por exemplo, os Clubes de Trocas, que são empreendimentos de economia solidária. Desse modo, os Clubes operam por meio da emancipação do consumo, mostrando existir uma forma de consumir diferente da tradicionalmente trazida pelo capitalismo. Portanto, o objetivo do presente trabalho foi analisar as percepções acerca do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG e dos seus pressupostos. Assim, conseguir traçar um panorama de como é visto seu funcionamento e sua funcionalidade como projeto de extensão, destacando suas contribuições para a comunidade e os benefícios proporcionados aos participantes.

A pesquisa desenvolvida nas últimas 3 edições do Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG aponta que todo seu público é vinculado à UNIFAL-MG, desde alunos até professores, em sua maioria feminino e com faixa etária entre 19 a 25 anos. Com isso, pode-se concluir que a atividade consegue cumprir seu papel em se desenvolver no meio acadêmico, mas é certo que precisa ampliar seu público para além dos portões da universidade. Ao que se refere cumprir seu papel, isso é comprovado por meio de outras perguntas em que os pesquisados responderam que desejam participar em outras edições do Clube de Trocas e veem sentido em seu propósito e na economia solidária. Grande maioria dos entrevistados, apontam que com as atividades de trocas solidárias passaram a entender a lógica do consumo consciente e da emancipação do consumo, uma vez que o consumo traz diversos impactos socioeconômicos. Diante disso, é importante salientar que a maioria do público participante respondeu que levam os princípios partilhados no Clube de Trocas para a vida, passando a melhorar seus hábitos de consumo e enxergar os produtos para além de seu valor monetário. No entanto, vale destacar algumas sugestões feitas pelos participantes, que sugerem ter uma abrangência maior de horários e uma maior divulgação e discussões sobre economia solidária.

Em suma, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, se mostra um projeto que cumpre seu papel na promoção de uma nova alternativa de consumo emancipatória e de grande reflexão a discussões sobre economia solidária, mostrando que existe uma outra economia. Com esse estudo e discussões levantadas, espera-se que novas avaliações dos Clubes de Trocas sejam levantadas e assim ampliar as discussões acerca do tema. Ao que se implica as limitações do trabalho tem se: o

número baixo de respondentes e a amplitude das perguntas do questionário. Portanto, outras discussões futuras podem contribuir para melhor desenvolvimento do estudo e trazer novas discussões e percepções sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARROYO J.; SCHUCH F. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

ARRUDA, M. Um novo humanismo para uma nova economia. In: KRAYCHEQUE, G. **economia dos setores populares**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.199-223.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARNEIRO, Gisele; BEZ, Antonio. Carlos. **Clubes de troca: rompendo o silêncio, construindo outra história**. Curitiba: CEFURIA, 2011.

CORAGGIO, J. Questões debatidas. In: KRAYCHETE, G.; LARA, F.; COSTA, B. **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.133-141.

CRESWELL, John W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. Thousand Oaks: [s.n.], 2013.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Carta de Princípios**, s/d. Disponível em <http://www.fbes.org.br>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

FRANÇA F. A via sustentável solidária no desenvolvimento local. **Revista Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 45, p. 219- 232, . 2008.

FRANÇA F.; LAVILLE J. **A economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

GAIGER, L. Questões debatidas. In: KRAYCHETE, G.; LARA, F.; COSTA, B. **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.191-198.

GUERRA, Ana Carolina. **Os valores da Economia Solidária e os Valores do Trabalho: um estudo em Empreendimentos Econômicos Solidários**. 2014. 157 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2014.

GUERRA, A. **Proposta de ação de extensão incubadora tecnológica de cooperativas populares**. 2024.

HAIR, Joseph et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman Companhia Ed, 2005.

LAPORTE, A. et al. Incubando um clube de trocas: proposta de desenvolvimento local. CONGRESSO-DA-REDE-CLUBE-DE-TROCAS. São Paulo, 2012.

LECHAT, N. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. Palestra proferida na UNICAMP por ocasião do II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares dia 20/03/2002. Disponível em <http://br.geocities.com/mcrost07/20050316a_as_raizes_historicas_da_economia_solidaria_e_seu_aparecimento_no_brasil.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARCONSIN, A. F. **ECONOMIA SOLIDÁRIA: DEFINIÇÕES E CONTRADIÇÕES**. **Revista Intellectus**.

MARQUES, L. et al. Como o Clube de trocas estimula a vivência extensionista entre alunos e comunidade com um novo olhar na forma de consumo. IX SIMPÓSIO INTEGRADO UNIFAL: CIÊNCIAS BÁSICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Anais ...Varginha**, 2023.

MATTOS, M. **Economia solidária como instrumento de ressocialização do egresso do sistema carcerário brasileiro**. (Dissertação de mestrado), Pontifícia universidade católica do paraná escola de direito programa de pós-graduação em direito – ppgd, 2018.

PAULA, A. et al. A economia solidária e a questão do imaginário: em busca de novas perspectivas. **O&S** - Salvador, v.18 - n.57, p. 323-333 - Abril/Junho - 2011

PINHEIRO, D.C. **A educação e a gestão na Economia Solidária: Um estudo sobre processos de formação das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares**. Belo Horizonte: CEPEAD/UFMG. Centro de Pós Graduação e Pesquisas em Administração, 2010. Dissertação de Mestrado.

POCHMANN, M. Economia solidária no Brasil: possibilidades e limites. Mercado de trabalho. **IPEA**. 2004.

RAZETO, L. Economia de solidariedade e organização popular. In: GADOTTI, M; GUTIERREZ F. (Org.). **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 34-58.

SANTOS, Luciane Cristina Ribeiro dos; CAMARGO, Ana Cristina Mota de; ALVES, Alan Ripoll. Empreendimento de Economia Solidária: Uma análise da autogestão coletiva. **Brazilian Journal of Development**, v. 1, n. 2525–8761, p. 2–14, 2015. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/2>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2–A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**, v. 1, 2009.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TOLEDO, D. **Proposta de ação de extensão clube de trocas da ITCP/UNIFAL-MG**. 2024.

Incubadora tecnológica de cooperativas populares ITCP/UNIFAL-MG. **Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG**. UNIFAL, 2021. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/itcp/clube-de-trocas-da-itcp-unifal-mg/> Acesso em: 02 de junho de 2024.